

Eu não tinha tempo para pensar muito nisso, mas, no fundo, afligia-me que, conforme minha visibilidade como a esposa de Barack aumentava, outras partes de mim desapareciam da visão das pessoas. Os jornalistas raramente perguntavam sobre meu trabalho. Incluíam em minha descrição um “formada em Harvard” e só. Alguns veículos haviam publicado matérias especulando que eu fora promovida no hospital não por mérito, mas por causa da crescente estatura política de Barack, o que me doeu muito. Em abril, Melissa me ligou para avisar da coluna ácida de Maureen Dowd no *New York Times*. Ela se referia a mim como uma “princesa do sul de Chicago” e dava a entender que eu enfraquecia Barack ao comentar publicamente sobre as meias que ele não guardava ou a manteiga que não devolvia à geladeira. Sempre considerei importante que vissem Barack como ser humano, não como um salvador sobrenatural, mas, pelo visto, Maureen Dowd preferia que eu adotasse o sorriso fixo no rosto e o olhar de adoração. Achei estranho e triste que uma crítica tão áspera viesse de outra mulher profissional liberal, alguém que não se preocupava em me conhecer e agora tentava dar a versão depreciativa da minha história.

Eu procurava não levar essas coisas para o plano pessoal, mas às vezes era difícil.

A cada evento, a cada reportagem, a cada sinal de que podíamos estar ganhando terreno ficávamos um pouco mais expostos, mais sujeitos a ataques. Corriam boatos absurdos sobre Barack: que ele havia estudado numa madrassa islâmica radical e que prestara o juramento de senador com as mãos sobre o Corão; que se negara a recitar o Voto de Lealdade; que não colocava a mão no peito durante o hino nacional; que tinha como amigo íntimo um terrorista dos anos 1970. As inverdades eram desmentidas sistematicamente por fontes de informação abalizadas, mas continuavam a se propagar por correntes de e-mail anônimas, repassadas não só por teóricos da conspiração, mas também por tios, colegas de trabalho e vizinhos incapazes de distinguir entre fatos e ficção.

A segurança de Barack era uma questão sobre a qual eu nem queria pensar, quanto **mais** discutir. Muitos de nós crescemos ouvindo notícias de assassinatos no jornal. Os Kennedy foram **baleados**, Martin Luther King Jr. foi **baleado**, Ronald Reagan foi **baleado**, John Lennon foi **baleado**. Se a pessoa atraísse muita atenção, corria certo risco. Mas, afinal, Barack é negro. Correr riscos não era novidade para ele. Às vezes, quando levantavam a questão, eu tentava lembrar às pessoas: “Ele pode levar um tiro no caminho até a padaria”.